

PSICOLOGIA E PERSONALIDADE EM VYGOTSKI: uma reflexão sobre a demarcação do objeto da Psicologia

FERNANDO DE CASTRO¹

Resumo

O objetivo deste artigo é refletir sobre até que ponto os trabalhos de Vygotski avançaram na direção de definir o objeto da Psicologia a fim de demarcar o caminho e o campo dos fenômenos psicológicos, ou seja, até que ponto, como o próprio autor russo chamou a atenção, realizou *O Capital* na Psicologia. Nossa reflexão recai sobre como fica estabelecida, no autor russo, a definição de personalidade e suas categorias fundamentais, entendida como um eixo central para a coerente definição do objeto da psicologia, dentro do fio condutor do materialismo histórico. Para este fim trataremos de expor o caso do Sr. *Leras*, uma narrativa feita por Guy de Maupassant (1958), que servirá de base para refletir em que medida os trabalhos de Vygotski permitem compreender o fenômeno psicológico objetivado pelo personagem, e assim extrair nossas reflexões a respeito da questão da personalidade e da demarcação do campo psicológico no autor russo.

Abstract

The objective of this article is to reflect to what extent the work of Vygotski moved forward in the direction of defining the object of Psychology in order to demarcate the way and the field of psychological phenomena, that is, to what extent, as this Russian author called our attention, *The Capital* was realized in Psychology. Our reflection focuses on how it is established to the Russian author the definition of personality and its fundamental categories, understood as the

¹ O autor é psicólogo, psicoterapeuta, Mestre em Psicologia pela UFPA e professor do Departamento de Psicologia da UFSC. E-mail: fern@uol.com.br

main axle to the coherent definition of the objective of Psychology, within the conductive thread of historical materialism. In order to reach this objective we will expose the case of Mr. Leras, a narrative done by Guy de Maupassant (1958) that will be the basis of reflection on what extent the work of Vygotski allows the comprehension of the psychological phenomena represented by the character, then we shall extract our reflection about the question of personality and the demarcation of the psychological field on the Russian author.

Palavras-chave:

Psicologia Histórico-Cultural, Vygotski, personalidade.

Introdução

Uma indagação justa e necessária que se pode fazer à produção científica de Vygotski diz respeito a se saber até que ponto o autor russo realizou aquilo que estava posto no ponto de partida de suas investigações no campo da Psicologia, qual seja, a necessidade de realizar a "Psicologia Geral" (Vygotski, 1996a).

Realizar a "Psicologia Geral" caracteriza-se pela necessidade científica de demarcar o objeto da psicologia e estabelecer suas leis e categorias essenciais, princípio básico que até meados da década de 20 esta disciplina não havia realizado e que, por isso, achava-se perdida em meio ao acúmulo de material empírico que produzia, sem saber ainda o que dizia respeito ou não ao seu campo disciplinar. Todo este esforço deveria observar, por sua vez, o princípio ontológico de base na ciência, segundo o qual o objeto do conhecimento precisa ter sua própria materialidade, existir objetivamente e ser outra coisa do que as idéias que se fazem dele: conhecer a "percepção", como afirmava Vygotski (1996a, p. 381), é conhecê-la como ela efetivamente acontece e não como os indivíduos a percebem.

Para lograr esta finalidade essencial da ciência, a Psicologia deveria romper com aquilo que inspirou a formação desta disciplina e que Vygotski diagnosticava como estando na base de sua crise: o idealismo. Romper com o idealismo seria romper com o platonismo, com as idéias sendo sempre o princípio de tudo, ficando a realidade - que os conceitos científicos deveriam expressar - obscurecida e não demarcada.

Refletir até que ponto os trabalhos de Vygotski avançaram nesta direção, demarcaram o caminho e o campo dos fenômenos psicológicos, até que ponto, como o próprio autor russo salientou, se realizou *O Capital* na Psicologia, é o objetivo de nosso artigo. Para este fim trataremos de expor o caso do Sr. Leras, uma narrativa feita por Guy de Maupassant (1958), que servirá de base para refletir em que medida os trabalhos de Vygotski permitem compreender o fenômeno objetivado pelo personagem, mas ao mesmo tempo comum a todos os homens.

O Sr. Leras, sua história e a constituição de sua personalidade

O Sr. Leras trabalhava como guarda-livros de uma firma há quarenta anos, onde entrara aos 21 anos, e desde então vinha executando com uma aplicação de empregado modelo² suas funções. Trabalhava praticamente 11 horas por dia, na solidão de uma peça úmida e escura que, mesmo no rigor do verão, não dispensava a luz amarela de seu bico de gás. Sem vista alguma, a não ser para um pátio estreito e profundo como um poço de onde só recebia a "visita" da umidade e de um odor de mofo, o Sr. Leras passava os dias, os meses, os anos de sua vida: era ali, naquele estreito escritório sombrio, que sua existência basicamente se desenvolvia.

Sempre viveu unicamente de seu escasso salário, que não lhe permitia qualquer tipo de "excesso", inclusive de tomar uma esposa e constituir família. Permaneceu, assim, um homem solteiro. Vivendo para trabalhar, o dinheiro que recebia dava unicamente para mantê-lo alimentado, vestido e pagar o aluguel de onde dormia.

Estes primeiros elementos da vida do Sr. Leras, muito mais do que simples dados de identificação, nos permitem situar num plano material e concreto a singularidade em questão, em compatibilidade com a base antropológica estabelecida pelo materialismo histórico. Ou seja, o Sr. Leras ao chegar, durante os 40 anos de sua vida de guarda-livros, às oito em ponto e permanecendo até as sete da tarde na solidão e umidade daquele lugar sombrio, curvado sobre os seus livros, vivendo na escassez econômica que lhe impedia de se apropriar dos meios e bens que a realidade de seu tempo dispunha, "se faz" um determinado tipo de homem e não outro. Um homem que se comporta na regularidade das regras estabelecidas, na correspondência aos deveres instituídos. Constitui-se como um sujeito singular ao agir em obediência às normas do relógio; em obediência aos livros que precisam ser justos e arrumados, tarefa que consumia dez horas de seu dia; em obediência à sala úmida e escura frente a qual somente busca ajustar seu bico de gás; em obediência ao escasso salário que lhe restringe quaisquer excessos. Não é menos relevante que tal regularidade de suas ações se realize também no espaço onde mora, tornando-o quase escravo da cama a ser feita, do quarto a ser varrido, da cadeira a ser espanada, cumprindo todas estas atividades na mesma hora, no mesmo tempo, quiçá com os mesmos gestos. Não podemos esquecer que junto a todos estes objetos estão os "outros", ou seja, o patrão a quem obedece ao realizar todos estes atos, a esposa e os filhos que não constituiu, tornando-se alguém solitário, e muitos outros que se formam como seus interlocutores. É, portanto, através do confronto com esses outros, ou ainda, com a ausência destes outros que se deu o processo de formação desta personalidade obediente, escrava do dever. Como faz notar Vygotski (1995, p. 149), "cabe dizer que passamos a ser nós mesmos através dos outros (...) a personalidade vem a ser para si o que é, através do que significa para os outros. Este é o processo de formação da personalidade".

² As passagens do texto grifadas em itálico que não apresentarem nenhum bibliográfico se referem à transcrição de partes da narração de Maupassant.

singularidade, onde o resultado deste processo de apropriação foi fazendo do porvir uma repetição do passado, constituindo-se o Sr. Leras em alguém "vazio". Acompanhemos aqui a narrativa de Maupassant a respeito:

"Os dias, as semanas, os meses, as estações, os anos se haviam assemelhado. Na mesma hora, cada dia, ele se levantava, partia, chegava no escritório, almoçava, jantava, deitava-se, sem que nada jamais interrompesse a regular monotonia dos mesmos gestos, dos mesmos fatos e dos mesmos pensamentos.

Outrora olhava o seu bigode louro e os cabelos ondulados no pequeno espelho redondo deixado pelo seu antecessor. Contemplava agora, cada tarde, antes de partir, o seu bigode branco e a sua fronte calva no mesmo espelho. Quarenta anos haviam escocido, longos e rápidos, vazios como um dia de tédio, e iguais como as horas de uma noite de insônia! Quarenta anos de que nada restava, nem mesmo uma lembrança, nem mesmo uma desgraça, desde a morte de seus pais. Nada."

O fenômeno psicológico do "vazio" se impõe aqui, objetiva-se como um acontecimento que cabe à ciência psicológica compreender e, de acordo com nossos objetivos neste artigo, interrogar em Vygotski quais os elementos teóricos disponíveis para a compreensão desta situação. Até onde chegamos podemos dizer que um processo de apropriações da cultura da qual o Sr. Leras foi o titular que o fizeram um ser vazio. Mas como é possível que este processo de apropriação da cultura, realizado no confronto com os outros, pode resultar numa personalidade vazia? Continuemos nossa exposição da narrativa e deixemos esta questão para o final do nosso artigo.

Certa vez nosso guarda-livros, ao terminar mais um dia de trabalho, depara-se com um radiante sol de uma das primeiras tardes de primavera e resolve dar uma volta. Maupassant assim narra:

"Naquele dia, o Sr. Leras parou ofuscado, à porta da rua, pelo fulgor do sol poente; e em vez de ir para casa, teve a idéia de dar uma pequena volta antes da janta, o que lhe acontecia umas quatro ou cinco vezes por ano."

Podemos notar que naquele final de expediente, o Sr. Leras, em vez de guiar-se pela regular submissão à rotina de todos os dias que lhe "dizia" que após fechar a porta da firma deveria conduzir-se como um motorista obediente aos sinais do trânsito até sua casa para comer e dormir, concebe, ao contrário, a idéia de dar um passeio. Que podemos dizer desta ruptura na continuidade do comportamento do Sr. Leras?

Considerando então esta verdade do sujeito como um tipo de ser que se move e se constitui na medida em que se apropria da realidade constituída nas e pelas práxis sociais com suas significações, temos assim que observar o "contexto" singular do Sr. Leras, o espaço em que se encontra, com seus objetos culturais e com suas significações, a fim de compreendermos esta "mudança de idéia".

Como narra Maupassant (1958), *"a vida correu-lhe sem acontecimentos, sem emoções, e quase sem esperanças. A facilidade de sonhar, que cada qual traz consigo, jamais se desenvolveu na mediocridade de suas ambições"*. Como vemos, até seus sonhos estavam circunscritos aos limites de um sujeito que aprendeu a viver na repetição e na previsibilidade de uma máquina, na obediência das condições postas. O máximo a que chegara era, de tempos em tempos, suspirar num voto platônico, característico da paciente impotência de quem espera, a vontade de ganhar mais dinheiro e levar uma *vida folgada*. O acontecimento que se mostra evidente aqui é como o processo de formação da personalidade do Sr. Leras, na dialética com os outros, o tornou alguém sem um futuro que projetasse para si, sem força, vontade ou desejo para realizar algo. Mas neste sentido, se considerarmos com Vygotski (1992, p. 342) que há sempre uma esfera motivacional em nossa consciência, ou seja, que por trás de cada pensamento há sempre uma tendência afetivo-volitiva, um desejo, como compreender esta ausência de desejo, de tendência afetivo-volitiva no Sr. Leras? E como isto se relaciona com seu processo de formação da personalidade, ou seja, como precisa ser uma personalidade e qual conjunto de acontecimentos é necessário ocorrer para que alguém se constitua sem desejo? Por ora deixemos somente assinaladas estas questões para voltarmos a elas numa reflexão final.

Mas se nos colocamos amparados na definição do homem como sujeito da práxis, não devemos compreender esta personalidade constituída e reificada pelas condições de trabalho e de vida como um simples reflexo das condições impostas pelo seu meio social e material. Perderíamos o fio condutor do materialismo histórico se compreendêssemos somente um dos momentos do processo de relação do homem com a realidade material, qual seja, o momento em que este é "sujeitado" pelas condições reais e históricas do contexto em que está inscrito. Como bem afirma Shuare (1992, p. 22):

"El reconocimiento de la determinación del proceso de establecimiento del hombre y sus propiedades esenciales por parte de la sociedad, no significa que el hombre sea sólo el objeto pasivo de la influencia que sobre él ejercen fuerzas extrañas. El hombre nunca es sólo objeto; es, al mismo tiempo, el sujeto de las relaciones sociales; siendo el producto de la sociedad, es también quien la produce".

Vemos então que o Sr. Leras, assim como todos os homens, não é um epifenômeno que sofre passivamente a ação de forças inumanas. Nosso personagem se fez o que é num percurso histórico em que realizou necessariamente "apropriações" de sua situação que foram constituindo sua singularidade. Como diz Zanella (1997), *"ao apropriar-se da cultura o homem constitui sua singularidade e, concomitantemente, imprime sua marca no contexto no qual participa"*, e ainda, como afirma Vygotski (1996b), o *"sujeito sempre pensa consigo mesmo e isso nunca deixa de influir em seu comportamento"*. Isto significa, em outros termos, que o sujeito existe sempre como consciente de si mesmo, apropriando-se da cultura no percurso de suas atividades relacionais, por mais alienantes que sejam as condições dadas.

Sendo assim, voltamos então a encontrar o Sr. Leras como sujeito-sujeitado de suas relações histórico-culturais, dando a forma de um "disco arranhado" à sua

Neste final de expediente inusitado, entre o Sr. Leras e sua casa que o esperava como sempre para comer e dormir, interpõe-se o *fulgor do sol poente com seu céu flamejante, as árvores reverdecidas daquele começo de primavera, aquela temperatura morna e branda que perturbam os corações com uma embriaguez de vida*, e, inclusive, um *sopro de juventude* que emanava de todo aquele ar primaveril. Este, podemos dizer, é o "espaço público" (Pino, 1992) em que o Sr. Leras está imerso, sendo ainda a práxis dos homens que atribui o significado de uma *embriaguez de vida* ao sol poente da primavera, à brisa morna e às suas árvores reverdecidas, como também é a práxis dos homens que atribui aos sombrios dias de inverno, com suas garças intermináveis e seu vento frio, o significado, muito comum, de algo triste e sem vida. Os fenômenos naturais, deste modo, apesar de não serem produzidos pelo trabalho humano, não deixam, por isso, de se tornarem concomitantemente culturais, via relações sociais que incluem, por condição, a relação com a natureza.

É, portanto, este "espaço público", com seu significado social e historicamente produzido, que se coloca entre o Sr. Leras e sua casa que lhe esperava. O sol poente de uma das primeiras tardes de primavera, assim como a embriaguez de vida que emanava de todo contexto, é "aquilo que as coisas lhe dizem" (Zanella, 1997), sendo na *relação* com este campo material de significados que a "idéia" de dar uma pequena volta antes do jantar foi concebida. Significados estes que enchem seus olhos com a "vida" expressada por aquele sol poente, atraindo-lhe portanto para um pequeno passeio. Era para os parques e bulevares rodeados de gente e de vida que nosso Sr. Leras seguia com o seu passo saltitante de velho; seguia com um *júbilo nos olhos; feliz com a alegria universal e a tepidez da atmosfera*. Vemos como o Sr. Leras se contagia pela magia desses fenômenos, sendo seu comportamento conscientemente orientado e mediado por este conjunto de significados objetivos que lhe "convidam" a participar daquele momento de exaltação de vida e felicidade de um final de tarde de primavera.

É ainda entorpecido pelas emanções vivas daquele final de tarde que o guarda-livros, ao sentir fome, resolve prolongar seu passeio e dar-se o prazer de um gostoso jantar regado a vinho, café e champanha, coisa que *raramente lhe acontecia*, e em seguida continuar sua caminhada até o bosque, esperando saborear mais ainda aquele momento de felicidade no qual estava imerso. Mas a esta altura cabe, de nossa parte, mais uma interrogação sobre o fenômeno: como é possível um homem sério, com uma personalidade tão metódica e obediente, se deixar levar e contagiar pela magia daquela tarde de primavera? Pelo que dispomos, sabemos que o Sr. Leras se apropriou de uma série de significados sobre uma realidade convidativa, mas "como compreender este fascínio pela magia do mundo" e como este acontecimento se faz possível dentro de uma personalidade tão presa às regras e à racionalidade do mundo? Aqui, mais um vez, encontramos perguntas que o caso narrado, ou seja, o fenômeno, impõe à teoria.

Segundo seu passeio em direção ao bosque, uma velha canção torna-se presente para ele, canção esta que lhe fala do amor, do encontro de um casal num bosque que "reverdece". Vale lembrar aqui, novamente, que o cantarolar obstinado do Sr. Leras não é algo que brota do "interior de seu pensamento", mas da relação

com o contexto no qual uma infinidade de "outros" preenchiam com um significado amoroso aquele bosque reverdecido pela primavera para onde se dirigia. Ao fixo cantarolar de um pequeno verso como objeto que lhe obstinava o pensamento podemos dizer que não vale por si mesmo, que seu sentido não se faz compreensível pela simples relação direta de cada signo com seu significado, mas sim pela interposição do contexto singular e histórico em que o Sr. Leras está imerso. Contexto impregnado por pessoas concretas que lhe mostravam, em cada gesto, a vivacidade de casais que se amavam, que se dedicavam um ao outro com o espírito tomado pela emoção. Como afirma Vigotski (1992), "é impossível compreender a expressão egocêntrica da criança se não vemos o que faz e o que olha", ou seja, é impossível, analisando nosso caso, compreender o cantarolar dos versos amorosos do Sr. Leras se não observamos para onde ele olha, o que ele faz, onde é que ele está, enfim, seu contexto. E aqui fica mais um vez expresso a unidade indissociável da relação do sujeito com o contexto material e histórico em que está situado.

Deixemos agora a narrativa de Maupassant falar por si, dando-nos uma idéia mais precisa do que o Sr. Leras encontra quando passeia pelas avenidas do bosque de Bolonha:

"Era uma longa procissão de amorosos sob o céu estrelado e ardente. E continuava sempre, e sempre. Eles passavam, reclinados nos carros, mudos, aconchegadinhos, perdidos na ablução, na emoção do desejo, no frêmito do enlace próximo. A sombra quente parecia cheia de beijos que vojavam, flutuavam. Uma sensação de ternura enlanguecia o ar, tornava-se mais abafado. Todos aqueles pares entrelaçados, todos aqueles casais embriagados com a mesma expectativa, com os mesmos pensamentos, irradiavam uma febre em torno de si. Todos aqueles carros plenos de carícias, lançavam de passagem como que uma sutil e perturbadora emanção."

O espaço público dos significados compartilhados por todos e inclusive pelo Sr. Leras está posto, sendo neste momento que o Sr. Leras começa a sentir-se um pouco "cansado" talvez, deva incluir-se aí, além do passeio que já havia lhe fatigado, pela *sutil e perturbadora emanção* que todos aqueles casais apaixonados objetivavam.

Ao buscar descansar e retomar o fôlego, o Sr. Leras é abordado sucessivamente por algumas prostitutas que lhe "convidam para o amor": *olá meu velho (...) deixa-te amuar, querido, tu vais ver como eu sou boazinha disse uma delas (...) vem sentar-te um instantinho comigo, riqueza*, disse a seguinte, e mais outras continuavam a fazer-lhe convites. O Sr. Leras, tentando escapar da abordagem das prostitutas, começa a sentir o *coração apressado*, a ficar *atormentado*, sendo que *alguma coisa negra e aflitiva parecia pairar sobre a sua cabeça*. O passeio do Sr. Leras, que a princípio lhe satisfazia de prazer, passava a se tornar um pesadelo: os casais que se amavam, o bosque re florido e a brisa morna de primavera passaram a não mais serem vividos no encantamento de felicidade, mas sim na agonia que perturba-lhe por inteiro. Devemos nos perguntar o que começou a mudar. O que a abordagem daquelas

história e produzir um acontecimento que modifica o modo de ser da pessoa, e não simplesmente sua idéias:

E de súbito, como se um véu espesso se houvesse rasgado, ele percebeu a miséria, a infinita, a monótona miséria de sua existência: a miséria passada, a miséria presente, a miséria futura: os últimos dias semelhantes aos primeiros, sem nada à sua frente, nada atrás de si, nada em derredor, nada no coração, nada em parte alguma.

Importante fazer-se presente uma das características do pensamento apontadas por Vygotski (1992) que indica a "fusão de sentidos" que os objetos podem adquirir dentro de um contexto específico. A "miséria" que se afigura para o Sr. Leras passa a fundir a totalidade de sua vida, de sua existência passada, presente e futura, passa a sintetizar o amor que não teve, os desvios que não fez, as aventuras cotidianos, que agora lhe saltam aos olhos mostrando a mais crua verdade sobre sua personalidade: a solidão.

Parecia-lhe que a humanidade inteira desfilava à sua frente, ébria de alegria e prazer, de felicidade. E ele sozinho a olhá-la! E estaria ainda sozinho amanhã, sozinho sempre, sozinho como ninguém neste mundo.

Podemos notar que é na mais íntima relação com os outros que o Sr. Leras passa a se descobrir e constituir-se na amargura de seu ser solitário. É na relação com as mulheres que não teve e não amou, com a esposa que não teve, com os filhos e netos que deixaram de povoar sua casa e lhe dar carinho e reconhecimento, é na ausência total de outros que lhe preenchessem e colorissem de afetos a sua vida, a sua casa, o cotidiano de sua trajetória histórica, que o Sr. Leras agora se depara e desespera. Acompanhemos mais um pouco a narrativa de Maupassant:

Que aguardava? Que esperava ele? Nada. Pensava em como deve ser bom, quando velho, encontrar no regresso à casa um grupo de crianças tagarelas. Envelhecer é doce quando nos cercam essas criaturas que nos devem a vida, que nos amam, que nos acariciam, que nos dizem essas palavras encantadoras e ingênuas que aquecem o coração e nos consolam de tudo.

E ao pensar em seu quarto vazio, no seu pequeno quarto limpo e triste, onde nunca entrara outra pessoa a não ser ele, confrangeu-lhe a alma uma sensação de angústia. E aquele quanto se lhe afigurou ainda mais lamentável do que o seu pequeno escritório.

Ninguém ali chegava; ninguém ali falava jamais. Era morto, mudo, sem eco de voz humana. Dir-se-ia que as paredes conservam qualquer coisa das pessoas que vivem no seu recinto; qualquer coisa do ar, do seu rosto, das suas palavras. As casas habitadas por famílias felizes são mais alegres do que as moradias dos miseráveis. O seu quarto era deserto de recordações, como sua vida. E amedrontava-o o pensamento de deitar no seu leito, refazer todos os seus movimentos e toda a sua faina de cada dia.

prostitutas passaram a dizer para o Sr. Leras? O que passou a acontecer com o Sr. Leras neste enfrentamento dialético com estas prostitutas? Voltemos à narrativa:

"Seria melhor que eu não tivesse vindo, pensou ele, eis-me agora todo... todo não sei como..."

Pôs-se a pensar naquele amor, venal ou apaixonado, em todos aqueles beijos, pagos ou livres, que desfilavam à sua frente.

O amor ele não conhecia. Não possuía na vida mais do que duas ou três mulheres por acaso, por surpresa, pois seus recursos não lhe permitiam nenhum extra. E pensava na vida que tinha levado tão diferente de todos, aquela vida tão obscura, tão morna, tão chata, tão vazia."

O convite para o "amor pago" das prostitutas fez que com o Sr. Leras caísse em si, que passasse a pensar no contraste que havia entre ele e aquele mundo apaixonado que descobrira naquele passeio imprevisto. Tomou um certo tipo de "consciência de si mesmo", passando a perturbar-se fortemente com o que passou a ver. Mas que tipo de consciência é esta? Em que se diferencia das anteriores este seu confronto dialético no bosque de Bolonha? Podemos observar como não acontece somente um processo de apropriação da realidade cultural em que o personagem está imerso, mas também algo que diz respeito à própria personalidade do Sr. Leras, a quem ele é, ao que é sua vida. A partir desta relação com estas prostitutas no bosque de Bolonha, podemos observar que o Sr. Leras realiza um tipo de apropriação do conjunto de sua história que interrompe a "regular monotonia" de seu estado psicológico. Se considerarmos os aspectos teóricos de Vygotski trabalhados até aqui, podemos dizer que a relação constitutiva "eu-outro" resulta numa apropriação na qual os casais que desfilam à sua frente lhe mostram a vida que não teve; os convites para um "amor pago" feito pelas prostitutas significam a ausência total de uma paixão, de uma aventura, de um romance sequer na sua vida vazia, morna; significam a vida que não viveu, aquilo que ele "não foi". Mas ao mesmo tempo nos mostra a necessidade técnica de aprofundar o conceito de "apropriação", não só como um ato relativo à realidade cultural, mas como um acontecimento concreto no ser do homem que modifica qualitativamente sua personalidade. Pois, pelos elementos expressos na situação do Sr. Leras, foi possível observar que existe não somente um "ato de apropriação" no confronto dialético do sujeito com a cultura, com os outros, mas que também ocorre um ato relativamente a si próprio. Ato este que não se reduz ao plano das idéias ou representações, pois abala concretamente a pessoa inteira, e não seu pensamento. E também cabe a interrogação de qual a função destes atos de apropriação na formação do conjunto da personalidade e do desejo, das tendências afetivo-volitivas, ou ainda, recorrendo ao caso da personagem, qual a função destes atos na constituição de sua personalidade obediente ao deveres e ausente de vontade e desejo por qualquer coisa que seja. Enfim, todas estas perguntas se fazem essenciais se nosso objetivo é refletir sobre a (definição do objeto da) Psicologia em Vygotski.

Seguindo mais um pouco na narrativa, podemos observar, ainda com mais detalhes, o que dizíamos sobre o ato de apropriação penetrar no âmago de sua

um conjunto de fatos dispersos e isolados, ou simplesmente em um modo de pensamento. Neste sentido é que uma teoria da per de mostra-se, a nosso entender, essencial no que diz respeito à demarcação do objeto da Psicologia.

Uma teoria da personalidade que, como podemos observar, implica para sua formação e constituição em "processos de apropriação". Quer dizer isto que definir com precisão o que vem a ser estes "atos de apropriação" que o sujeito realiza se faz um outro componente essencial na demarcação do objeto da Psicologia. Apropriar-se da cultura, fazer-se mediar-se pelos signos culturais é o meio através do qual construímos os processos psicológicos superiores, como afirma Vygotski, mas como ocorre das mesmas pessoas se apropriarem dos mesmos signos culturais e se tornarem seres diferentes em termos psicológicos? A nosso ver, faz-se necessário definir tipos de apropriação, esclarecer seu funcionamento e sua relação com a personalidade.

Ainda podemos observar que, à medida que a "apropriação" implica no "pensar", ou seja, num ato reflexivo, como Vygotski (1992) chama a atenção, traz junto uma tendência "afetivo-volitiva", ou em outros termos, a "esfera do desejo", e este fato nos aponta para a interrogação sobre, de um lado, a definição de desejo e afeto e, por outro, sua função nos processos de apropriação e de formação da personalidade. Se formos fiéis ao materialismo histórico, qualquer definição sobre o desejo tem que ser considerada como resultado e pressuposto da dialética Eu-Outro num contexto material e histórico e não como desdobramento de alguma tendência fisiológica, instintiva ou a-histórica, qualquer que seja.

Enfim, por todos estes elementos que neste curto artigo nos foi possível refletir, parece que a demarcação do objeto da Psicologia, apesar de encontrar em Vygotski elementos essenciais, não se encontra substanciada no autor russo, o que nos faz concluir, ainda que provisoriamente, com a afirmação de Sève (1979, p. 37):

"Sob seja qual for dos aspectos focados, nunca a psicologia da personalidade - nem, por consequência, com todo o rigor, o domínio de conjunto da psicologia, ou se se preferir, das ciências psicológicas - aparece como plenamente adulta (...) e esta juventude, ou seja, na verdade, esta persistente imaturidade, manifesta-se, logo de início, na incerteza em que se encontra ainda a psicologia a respeito da questão mais vital que se coloca a toda a ciência: a definição rigorosa de seu objeto, a delimitação coerente de seu âmbito, logo, da captação da própria essência daquilo de que pretende se constituir com ciência."

Todos os recantos a que poderia recorrer lhe apontam sua dramática e miserável solidão, e é aqui neste embate que podemos compreender exatamente o que significa a relação constitutiva Eu-Outro como um traço essencial (Molon, 1995) que perpassa toda a Psicologia dialética de Vygotski. Pois é ao pensar em seu apartamento que o Sr. Leras tem consciência de que "ninguém" ali jamais esteve; ao pensar em seu quarto, na sua cadeira, é que tem consciência de que nunca existiu alguém que o amou ou que o odiou, e é neste instante, como um momento constitutivo desse mesmo processo, que o Sr. Leras toma consciência de si mesmo como sendo miseravelmente solitário.

Considerações Finais

Vygotski, ao colocar como ponto de partida para a Psicologia Histórico-Cultural o materialismo histórico, possibilitou uma base objetiva, e não especulativa, a partir do qual pensa o homem e aborda seus fenômenos psicológicos. Permitiu pensar e abordar a investigação psicológica não a partir de "essências ideais", puramente abstratas, extraídas somente como recurso ao exercício crítico da razão, em que o próprio Vygotski (1996a) critica como sendo o princípio idealista que deixa a Psicologia incerta quanto as definições gerais sobre seu objeto. Mas ao contrário, o fato de tomar como ponto de partida filosófico o materialismo histórico o permitiu identificar a essência humana como histórica, sendo as idéias sempre o resultado de uma práxis concreta. Sabemos, no entanto, que isto não nos brinda com a realização de que a Psicologia Científica atenderia às exigências postas pela ciência e pelo próprio Vygotski (idem), principalmente em seu trabalho sobre a crise da Psicologia em meados da década de 20, mas simplesmente situa no solo concreto e histórico desenvolvido por Marx as bases para o desenvolvimento da Psicologia.

Para tal desenvolvimento, Sève (1979), além de Vygotski, deixa bem claro que:

"Todo conceito científico é abstrato enquanto conceito, mas só é científico, segundo as exigências marxistas, se conseguir captar a essência concreta de seu objeto (...) Trata-se de uma essência, já não abstrata mas sim concreta, já não ideal mas sim material, já não natural, mas sim histórica, já não inerente ao indivíduo isolado mas sim ao conjunto das relações sociais". (p. 183).

Sendo assim, qual o objeto demarcado por Vygotski que delimita o terreno disciplinar da Psicologia? Quais as categorias chaves que nos dão a essência de seu objeto? Onde está seu O Capital?

Um primeiro ponto que cabe assinalar nesta direção é como a relação constitutiva Eu-Outro, apontado por Molon (1996) como essencial nos trabalhos de Vygotski, nos leva a interrogar sobre o que é o Eu humano ou personalidade que, na dialética Eu, outro e contexto material se constitui. Isso porque quando observamos uma singularidade se constituindo em cada momento de suas relações históricas, uma totalidade concreta vai tomando forma, um modo de ser dialeticamente formado vai sendo tecido e unificado numa história, e não em

PERCURSOS METODOLÓGICOS NA PESQUISA HISTÓRICO- CULTURAL: reflexões a partir de três diferentes investigações

ANDRÉA VIEIRA ZANELLA¹

CLARISSA TERRES LESSA²

SÍLVIA ZANATTA DA ROS³

Referências

- MAUPASSANT, G. Passeio. In: _____. Contos. Porto Alegre: Globo, 1958. p. 361-366.
- MOLON, S. I. A Questão da Subjetividade e da Constituição do Sujeito nas Reflexões de Vygotski. 1996. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica, [S. l].
- PINO, A. As categorias de público e privado na análise do processo de Internalização. Educação & Sociedade, Campinas: Papirus, n. 42, 1993.
- POLITZER, G. Psicologia Concreta. Buenos Aires: Editorial Álvarez S. R. L., 1965.
- SEVE, L. Marxismo e Teoria da Personalidade. Lisboa: Horizonte Universitário, 1979.
- SHUARE, M. Las fuentes filosóficas de la Psicología Soviética. In: _____. La Psicología Soviética tal como yo la veo. Moscou: Editorial Progreso, 1990. p. 11-56.
- VYGOTSKI, L. S. Obras Escogidas III. In: _____. Génesis de las funciones psicológicas superiores. Madrid: Visor Distribuciones, 1995. p. 139-168.
- _____. Obras Escogidas III. In: _____. Método de investigación. Madrid: Visor Distribuciones, 1995. p. 47-96.
- _____. Obras Escogidas II. In: _____. Pensamiento y palabra. Madrid: Visor Distribuciones, 1992. p. 287-348.
- _____. Teoria e método em Psicologia. In: _____. O Significado histórico da crise na Psicologia. Martins Fontes, 1996a. p. 171-417.
- _____. Teoria e Método em Psicologia. In: _____. A consciência como problema da psicologia do comportamento. Martins Fontes, 1996b. p. 55-85.
- ZANELLA, A. O Ensinar e o aprender a fazer renda de bilro - estudo sobre a Apropriação da Atividade na Perspectiva Histórico-Cultural. 1997. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) - Pós-Graduação em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Resumo

Partindo do pressuposto que a adequação do método só é passível de análise considerando o objeto e objetivo da pesquisa em questão, o presente texto busca analisar, à luz dos pressupostos sobre o método na Psicologia Histórico-Cultural, a adequação dos procedimentos adotados em três diferentes investigações e que integram um mesmo projeto de pesquisa. O objetivo geral desta consistia em investigar as transformações em diferentes grupos de adultos escolarizados envolvidos em atividades de ensinar e aprender, problematizando a questão da constituição do(s) sujeito(s). Como resultados aponta-se que cabe ao pesquisador planejar estratégias de modo a permitir aos sujeitos com quem trabalha re-significarem suas próprias ações. Para tanto, o recurso de filmagens constitui-se como ferramenta ímpar na medida em que possibilita a reflexão dos sujeitos tanto sobre as ações quanto a inserção em contextos específicos e relações aí entabuladas. Esse mesmo recurso, por sua vez, tem importância relativa quando o interesse reside nos depoimentos dos sujeitos que permitem compreender suas histórias e a relação que estabelecem com textos e contextos.

¹ Professora do Departamento de Psicologia da UFSC, Doutora em Psicologia Educacional pela PUC/SP e pesquisadora do CNPq. E-mail: andrea.vz@uol.com.br

² Acadêmica de Psicologia da UFSC, bolsista de Iniciação Científica. E-mail: clarissat@uol.com.br

³ Professora do Departamento de Estudos Especializados em Educação da UFSC e Doutora em Psicologia Educacional pela PUC/SP. E-mail: ros@cced.ufsc.br